

# LIVROS

*As duas resenhas a seguir referem-se ao livro O passado de uma ilusão, de François Furet  
(São Paulo: Siciliano, 1995, tradução de Roberto Leal Ferreira).*

## URSS, A ILUSÃO DOS INTELLECTUAIS

**Miriam Dolhnikoff**

Em *O passado de uma ilusão* François Furet propõe-se a investigar a sedução exercida sobre a intelectualidade européia pela experiência comunista na URSS, desde a revolução de 1917 até o relatório apresentado por Nikita Khrushchov ao XX Congresso do PCUS, em 1956. Seu desafio consiste em entender como uma experiência nacional, a revolução russa, adquiriu, aos olhos da intelectualidade européia, caráter universal de modelo necessário e desejável para a história da humanidade. Aí reside o fulcro da ilusão: a crença de que o modelo soviético corresponderia a um ideal de sociedade que necessariamente sucederia o capitalismo ocidental, a despeito das evidências de que se tratava de um regime baseado no terror.

Trata-se, portanto, de questão bastante específica. Não compreendê-la levará o leitor a esperar do livro o que ele não pode dar e deixar de usufruir aquilo que ele tem a oferecer. Aqueles que lerem este trabalho como uma síntese da história do século (e então a comparação com o livro *A era dos extremos*, do historiador inglês Eric Hobsbawm, torna-se inevitável e no entanto imprecisa) ou como uma história do comunismo estarão fadados à incompreensão da abordagem proposta pelo autor.

Para muitos marxistas, Furet comete uma heresia: ousa adentrar no sagrado terreno do comunismo sem compartilhar sua metodologia ou suas convicções. Furet é, na verdade, um velho adversário da esquerda. Em sua obra mais conhecida, *Pensando a Revolução Francesa*, o autor questiona as interpretações marxistas da revolução e procura

retomar a linha inaugurada por Alexis de Tocqueville e Augustin Cochin. Em certo sentido, o atual trabalho deve muito ao anterior. Ambos exigem do leitor disposição para se despir de preconceitos e assumir uma verdadeira postura intelectual de curiosidade. Aqueles que o fizerem serão brindados com um livro instigante, que procura desvendar um dos mais fascinantes mistérios do século XX.

Na definição de seu problema central, Furet sublinha, desde logo, três elementos que percorrem toda sua análise. Em primeiro lugar, a relação tensa e ao mesmo tempo complementar entre a idéia de nação e a de revolução que, no decorrer de todo o século, está presente como força motriz do imaginário e das ideologias que marcaram a política européia do período. O que vale dizer oposição e complementaridade entre nacional e universal, já que para Furet revolução remete a universalidade. Relação dialética pela qual ambos se opõem e se alimentam reciprocamente e da qual o regime soviético se beneficia. Em segundo lugar, Furet aponta como componente da ilusão a que sucumbiu a intelectualidade européia a eleição de um sentido da história que remete a uma perspectiva cara ao marxismo: a de que é possível, a partir da análise do sistema capitalista, desvendar seu destino, ou seja, sua inelutável substituição por um regime comunista. A história teria assim um sentido já predeterminado, que, a partir de 1917, se confundiria com a experiência soviética, fadada a se reproduzir pelos demais países.

Por fim, segundo Furet, a parcela da opinião pública européia que se deixou seduzir pelo modelo soviético, só o fez na medida em que negligenciou todas as informações sobre o terror, ou pior, na medida em que interpretou genocídio, deportações

e prisões com espantosa benevolência. Não como elementos intrínsecos ao regime, embora perdessem durante toda sua existência, mas como algo transitório e justificável diante da magnitude da tarefa empreendida pelos soviéticos: a construção de uma nova ordem da qual surgiria um homem regenerado.

Furet procura recuperar a representação que se fez da experiência soviética na Europa durante os períodos leninista e stalinista, buscando compreendê-la como resultado de injunções de três ordens: aquelas concernentes às circunstâncias históricas, as que se referem à cultura européia e as que pertencem ao âmbito da doutrina.

No primeiro grupo estão os elementos que explicam mais diretamente a longevidade da ilusão, já que esta só pôde ser duradoura na medida em que seu conteúdo mudou, acompanhando as transformações por que passavam a Europa e a própria URSS. Assim, em 1917 a revolução adquire caráter universal aos olhos da intelectualidade européia graças aos desastrosos resultados da I Guerra Mundial. Neste momento a revolução seduz por seu discurso pacifista que recupera e dá legitimidade à pregação contra a guerra feita pelos socialistas em 1914, em nome da aliança internacional do proletariado, ao mesmo tempo que renega a mortandade em proporções inéditas que redundou do confronto. Mas, mais importante, a guerra trouxe consigo a falência momentânea do discurso nacionalista em nome do qual ela se realizara. A revolução russa oferecia, como contraponto, uma postura universalizante, revestida de tintas humanitárias, que seduzia aqueles que renegavam o bélico nacionalismo.

Ao final da década de 20, quando a ilusão dava mostras de que iria esmorecer, a grande depressão econômica, fruto da quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, a repõe na medida em que contrasta uma economia capitalista em meio a profunda crise e, em consequência, um desacreditado liberalismo com a economia planificada de Stalin. Neste momento, o mais espantoso para Furet é que a experiência soviética conseguiu renovar seu caráter de fenômeno universal justamente quando Stalin adotava a doutrina do socialismo em um só país, conferindo limites nacionais para a experiência comunista. Mas precisamente, o regime stalinista beneficiou-se dessa rotação para manter a estima de que gozava no Ocidente. A outra face do socialismo em um só país era a proposta de construção do socialismo na URSS, que se concretizou na coletivi-

zação da agricultura e nos planos quinquenais. No momento em que colocava em prática uma política responsável pelo assassinato de milhares de camponeses, o regime soviético era visto como modelo desejável porque capaz de promover o desenvolvimento através de uma política racional, onde a razão aliava-se à ciência. Um exemplo a ser seguido pelo aparentemente falido capitalismo.

A partir de meados da década de 30 novamente a ilusão se repõe, agora graças à ascensão do nazismo e à II Guerra Mundial. Embora nazismo e comunismo apresentassem a mesma face totalitária, embora tanto na URSS como na Alemanha o terror integrasse de maneira vital o cotidiano político, a primeira apareceu aos olhos do Ocidente como aliada na luta contra o nazismo, em defesa da democracia. Não se tratava, porém, de aliança de conveniência, aceita, apesar do terror, para combater um inimigo considerado mais perigoso. Ao contrário, a intelectualidade européia deixou-se convencer pela estratégia stalinista que, a partir de 1935, procurou identificar comunismo com democracia, através da luta antifascista. Stalin assumiu então a feição de um verdadeiro democrata e seu regime foi considerado o estágio mais avançado da democracia, justamente no momento em que estavam em curso os processos de Moscou, com toda sua farsa e violência. Comunistas e democratas estavam sendo indistintamente perseguidos na Alemanha nazista. Comunismo e fascismo alimentaram-se sempre do confronto que os opunha, apesar de suas semelhanças totalitárias. Quando os partidos comunistas europeus passaram a propor, em seus respectivos países, frentes populares antifascistas que arrebanhassem todas as forças contrárias ao nazismo, esta aliança pareceu natural.

Pela negação do fascismo operou-se a identidade entre stalinismo e democracia. A vitória na guerra reforçou essa identidade, levando ao esquecimento o totalitarismo do regime soviético, ao mesmo tempo que tornava o fascismo, até então também ele capaz de seduzir parte da intelectualidade ocidental, vilão da história. Em ambos "coexistem uma filosofia da história e uma prática política — a primeira composta de intenções e de idéias nobres [Furet refere-se aqui ao fascismo italiano e não ao nazismo], a segunda de meios expeditivos. A primeira é sua poesia; a segunda, sua prosa. O fascismo perdeu sua poesia com a Segunda Guerra Mundial, ao passo que o bolchevismo, pelo contrá-

rio, nela encontrou a oportunidade de fazer com que esquecessem sua prosa". Mas, ainda mais importante, a política antifascista e a guerra permitiram que a vocação revolucionária se conjugasse com nacionalismo, levando ao ápice a ilusão. Primeiramente pelas alianças realizadas pelos partidos comunistas nas frentes populares, que os tornaram atores da política interna em seus respectivos países. Em segundo lugar, por sua atuação na resistência à tentativa de dominação nazista, como defensores da soberania nacional. "Apoderando-se, assim, da idéia nacional, o movimento reunifica em seu próprio proveito as duas grandes paixões políticas da democracia no século XX, a nação e a revolução." Reunificação efêmera, já que uma nova fase se iniciava em que a URSS assumia o papel de superpotência mundial, impondo sua dominação aos países do Leste europeu. Em breve a reação nacionalista nestes países desmentirá essa imagem, mas, mais uma vez, a ilusão se repõe, desta feita alimentada pela Guerra Fria.

Assim, a ilusão a que sucumbiu a intelectualidade européia, que acreditou na universalidade da experiência comunista soviética, e mais, a encarou como desejável apesar do terror a ela inerente, teve raízes, em primeiro lugar, nas próprias crises conjunturais do capitalismo. Guerras e crises econômicas conferiram ao regime soviético, que se apresentava como a negação do capitalismo, o papel de uma espécie de espelho invertido. Nacionalismo, liberalismo, democracia burguesa, cada um desses pilares do capital esteve desacreditado no decorrer do século, em função dos eventos que formaram sua própria história neste período (I Guerra, depressão econômica, nazismo, II Guerra). A cada um deles a URSS oferecia um substituto que aparentava superioridade e era portanto desejável: universalismo, economia planificada, democracia popular.

Mas o convencimento de que o regime comunista soviético de fato oferecia o remédio para as mazelas do capitalismo só foi viável porque, além das circunstâncias históricas, a própria cultura européia favorecia esta imagem. Para Furet, a ilusão se tornou possível na medida em que a intelectualidade européia tendeu a interpretar os eventos russos como continuidade da própria história européia, já que, para compreendê-los, procurou enquadrá-los nas referências de que dispunha. E a referência revolucionária por excelência era, sem dúvida, a Revolução Francesa. Os intelectuais europeus, so-

breitudo os franceses, desde 1917 tenderam a encaixar a Revolução Russa no molde daquela ocorrida em 1789, de modo a torná-la compreensível segundo um quadro referencial que lhes era familiar.

O que permitia a analogia era o fato de que em ambos os eventos um punhado de homens acreditou ser capaz de construir uma nova ordem em substituição à antiga apenas a partir de sua vontade. O voluntarismo as tornava parentes, uma herdeira e sucessora da outra, e a história adquiria assim um sentido inexorável extremamente reconfortante, pois conduzia a humanidade para um modelo tornado desejável pelo confronto com as fraquezas do próprio capitalismo.

A analogia com a Revolução Francesa acabou por cumprir importante papel na benevolência com que estes intelectuais interpretaram o terror leninista e stalinista. Encarada como similar a 1793, a perseguição violenta a todos aqueles identificados como inimigos do regime foi entendida não como intrínseca ao comunismo soviético, mas como uma fase transitória imposta pela ameaça da contra-revolução.

Vista sob o ângulo da Revolução Francesa, a experiência comunista soviética acabou por surgir como aquela destinada a cumprir as promessas não realizadas pela primeira. A partir de 1935, por exemplo, quando a política antifascista operou a identidade entre comunismo e democracia, a aliança entre democratas e comunistas foi considerada como entre "homens que representam duas épocas do mesmo movimento de emancipação: a democracia burguesa e a democracia proletária". Os comunistas, segundo esta imagem, levariam às últimas consequências os ideais democráticos da Revolução Francesa ao construir uma sociedade igualitária. Se na URSS não havia liberdade, havia igualdade, se não eram garantidos direitos formais, eram garantidos direitos reais. A filiação à tradição revolucionária francesa, mãe da democracia, conferia por si só caráter democrático ao regime soviético, uma democracia sem capitalismo, tornando-o o estágio mais avançado da democracia burguesa ocidental.

Ainda na cultura européia Furet foi buscar um elemento importante para explicar a sedução pelo regime soviético: o forte sentimento anticapitalista e antiburguês presente desde a Revolução Francesa. Desta forma, uma experiência que se proclamava como sucessora da ordem capitalista, que prometia a substituição do individualismo burguês, da lógica

do lucro, moralmente condenáveis, pelo coletivismo gerido pelo Estado, aparecia como o modelo desejado, em que ciência e moral se unem na construção de uma nova sociedade. Assim, durante a grande depressão, por exemplo, "se a economia política soviética provoca um tal deslumbramento, não é só porque forma um contraste quase providencial com o espetáculo dado pelo desmoronamento do capitalismo. É porque ela descobre uma idéia moral, um homem regenerado, livre da maldição do lucro".

Através da analogia com o evento fundador da ordem burguesa, aliada ao forte sentimento antiburguês que, paradoxalmente, também nasce em 1789, a Revolução Russa se inscreve na história européia como se estivesse destinada a dar continuidade a ela. Se as circunstâncias históricas tornaram o modelo soviético desejável, a analogia com a Revolução Francesa o tornou predestinado à sucessão do capitalismo. O sentido obrigatório conferido à história pelas lideranças soviéticas parecia confirmar-se por esta analogia. A ordem inaugurada pela primeira revolução deveria necessariamente ser substituída por aquela que se originara do segundo movimento revolucionário, seu filho e herdeiro.

Por fim, para que a sedução se realizasse, a doutrina revolucionária teve papel fundamental em um século em que, como afirma Furet, a ideologia tornou-se elemento constitutivo da ação. Neste ponto foi decisiva a atuação da própria liderança soviética, ao formular uma doutrina de legitimação da experiência comunista que remetia diretamente à história e ao pensamento europeus. A revolução fora realizada em nome da teoria marxista, filha da tradição intelectual européia, mas era preciso associar diretamente o marxismo à experiência que se desenrolava na URSS. Primeira revolução vitoriosa realizada em seu nome, o caminho por ela percorrido foi assimilado como o único possível, através da formulação do marxismo-leninismo, onde o pensamento leninista aparecia como complementar do marxismo na medida em que apontava os meios de sua concretização. O Partido Bolchevique surgia assim como instrumento necessário e indispensável para se atingir o comunismo proposto por Marx, inscrevendo a experiência soviética na tradição do pensamento europeu, com a vantagem de que, "ao culto da vontade, herança jacobina passada pelo filtro do populismo russo, Lênin acrescenta as certezas da ciência, tiradas de *O capital*".

Com a morte de Lênin e sua sucessão por Stalin, o desafio foi convencer a opinião pública ocidental de que este último era o legítimo depositário da herança leninista e verdadeiro intérprete de seu pensamento. Se a intelectualidade deixara-se seduzir pelo marxismo-leninismo, acreditando, por esta conjugação, que o leninismo pertencia à tradição do pensamento europeu ocidental, continuará seduzida por seu sucessor. O problema está em explicar como a política de socialismo em um só país, baseada no terror, foi aceita como continuidade do leninismo, especialmente se operava uma ruptura com ele e se outro líder, Trotsky, disputava essa herança. Segundo Furet, o primeiro trunfo de Stalin estava na sua economia planificada, que incorporava a principal característica do leninismo e de qualquer movimento revolucionário: o voluntarismo, a crença de que um homem munido de poder e razão pode construir, segundo sua vontade, uma sociedade nova. Outro elemento importante foi a abstração de revolução e socialismo presente no imaginário europeu, e da qual se beneficia Stalin. Desta feita, não pelo que sua experiência tem de familiar com o repertório europeu como ocorrera na fase anterior, mas justamente pelo motivo oposto: a experiência totalitária é de tal forma inédita na história européia, que a princípio é incompreensível para os contemporâneos. Suas características não são inteligíveis a partir dos exemplos do passado, como ocorrera com a primeira fase soviética em relação à Revolução Francesa, e por isso mesmo a intelectualidade busca enquadrá-la em um quadro conceitual familiar, sucumbindo a falsas analogias. Stalin é assim visto como "discípulo de Lênin, filho da revolução de outubro, ela própria filha do marxismo — e este é o fruto da democracia européia".

Assim, Furet procura compreender a ilusão que tomou conta de homens como André Malraux, Boris Souvarine, György Lukács, H.G. Wells, Bernard Shaw, Pierre Pascal, André Gide, entre outros, e de ampla parcela da opinião pública européia a partir de variáveis distintas — conjuntura histórica, cultura e doutrina —, o que acaba se tornando ao mesmo tempo a força e a fraqueza de seu livro. O trânsito por elementos distintos confere substância à ilusão, tornando crível e compreensível que tantos homens tenham preferido acreditar na imagem construída de uma URSS democrática, onde imperava a razão e a ciência em benefício de toda a coletividade, tornada modelo universal que apontava o caminho

## LIVROS

a ser seguido por toda a humanidade, a despeito das evidências de um regime totalitário, indissociável do terror que praticava. Por outro lado, entretanto, incapaz de analisar em profundidade essas variáveis, dada a amplitude de cada uma delas, Furet acaba por praticar generalizações e realizar escolhas aparentemente arbitrárias.

Mas o problema mais grave do livro é de outra natureza: o uso pouco sistemático das fontes. Em algumas passagens o autor justifica plenamente suas assertivas apresentando textos e documentos produzidos na época, enquanto em outros trechos ele discorre longamente sobre este ou aquele tema sem que uma única fonte seja apresentada para legitimar suas afirmações.

Problemas sérios, mas que de forma alguma tiram o brilho de um livro que, graças à originalidade de sua abordagem, ilumina faces obscurecidas da história européia. O leitor que ainda hoje credi-

ta que só a metodologia marxista serve como instrumento para compreender a história, seja lá o que isso signifique quando tanto Althusser como Thompson a reivindicam para si, não poderá aceitar o convite de Furet para refletir sobre uma das questões mais palpitantes de nosso século. Compreender como a opinião de esquerda se deixou seduzir pela experiência soviética, conferindo-lhe estatuto de farol da humanidade, é um passo importante para compreender a própria esquerda que, por tanto tempo prisioneira de uma ilusão, encontra hoje dificuldades para responder aos desafios da história, cedendo terreno para aqueles que proclamam a eternidade do capitalismo. Iludem-se duplamente os que sentenciam Furet à vala comum dos críticos vulgares do marxismo vulgar.

Miriam Dolhnikoff é pesquisadora do Cebrap e doutoranda em História na FFLCH-USP.